87

ALGODÃO EM CAUSA

T. (215) 10/11/74

DA MACHAMBA À FÁ
COMO COBRIR A NU

• UMA ACHEGA AO PR

Texto: CALANE DA SILVA

Algodão em causa
da machamba à fábrica como cobrir a nudez do povo?

BRICA
DEZ DO POVO?
OBLEMA

MOÇAMBIQUE É UM PAÍS QUE PRODUZ ALGODÃO: OS TÉCNICOS E OS QUE NÃO SÃO TÉCNICOS DIZEM QUE PODEMOS PRODUZIR MUITO MAIS.

CERCA DE 100 MIL TONELADAS DE CAROÇO REPRESENTAM UM CONTINGENTE QUE QUASE ATINGE AS 40 MIL TONELADAS DE ALGODÃO EM RAMA. PODÍAMOS PRODUZIR O DOBRO, *À* VONTADE.

DA RAMA APROVEITAMOS INTERNAMENTE MENOS DE 10 MIL TONELADAS. O RESTO EXPORTAMOS.

EXPORTAR É MARAVILHOSO. É DINHEIRO ESTRANGEIRO QUE ENTRA NA NOSSA TERRA PARA COMPRARMOS MAIS MÁQUINAS PARA PRODUZIR MAIS ALGODÃO.

— MAS QUE NOS INTERESSA APENAS PRODUZIR PARA EXPORTAR SE O POVO AINDA CONTINUA NU?

— QUE NOS INTERESSA PRODUZIR MAIS E MAIS APENAS PARA EXPORTAR SE NÃO SE COMPRAREM MÁQUINAS PARA O POVO, SE NÃO SE ABRIREM MAIS FÁBRICAS NOUTROS LOCAIS PARA DAR MAIS EMPREGOS AO POVO, PARA FAZER MAIS ROUPA, MAIS BARATA PARA O POVO?

DA MACHAMBA *À* FÁBRICA TEMOS DE DESTRUIR TODA UMA MENTALIDADE COLONIAL: A NOSSA E A DOS PATRÕES, DAS EMPRESAS E A DOS INSTITUTOS, DOS TÉCNICOS E DA TÉCNICA.

DA ENXADA AO TEAR MECÂNICO TODOS NÓS TEMOS DE COMEÇAR A PENSAR DE HOJE EM DIANTE, E EM RELAÇÃO A TODO O TIPO DE PRODUÇÃO, EM NOVE MILHÕES DE PESSOAS, NOS NOVE MILHÕES DE HABITANTES QUE SOMOS.

PARA ESTES NOVE MILHÕES É QUE TEMOS DE CONTINUAR A PRODUZIR CADA VEZ MAIS E COM MAIS VONTADE E FORÇA.

A QUEDA

A produção algodoeira moçambicana desceu imenso nos últimos anos: das 140 mil toneladas de algodão caroço que chegou a atingir-se, colhem-se agora 100 mil. Esta quebra está directamente relacionada com uma situação colonial vigente.

No entanto, o regime colonial criticava essa baixa de produção nos últimos tempos por razões que eram puramente militares — mas que muitas vezes nos queriam convencer serem devidas à «preguiça», às pestes, e às vezes pela instabilidade climática.

Vejamos.

Embora no que diz respeito ao aspecto militar pudessem ter razão, pois sabemos que de facto muitas e vastas áreas foram subtraídas ao controlo colonial pelas Forças de Libertação, todo o restante problema da quebra contínua da produção eram os reflexos directos das agudas contradições coloniais existentes na cultura e comercialização daquela planta têxtil em Moçambique.

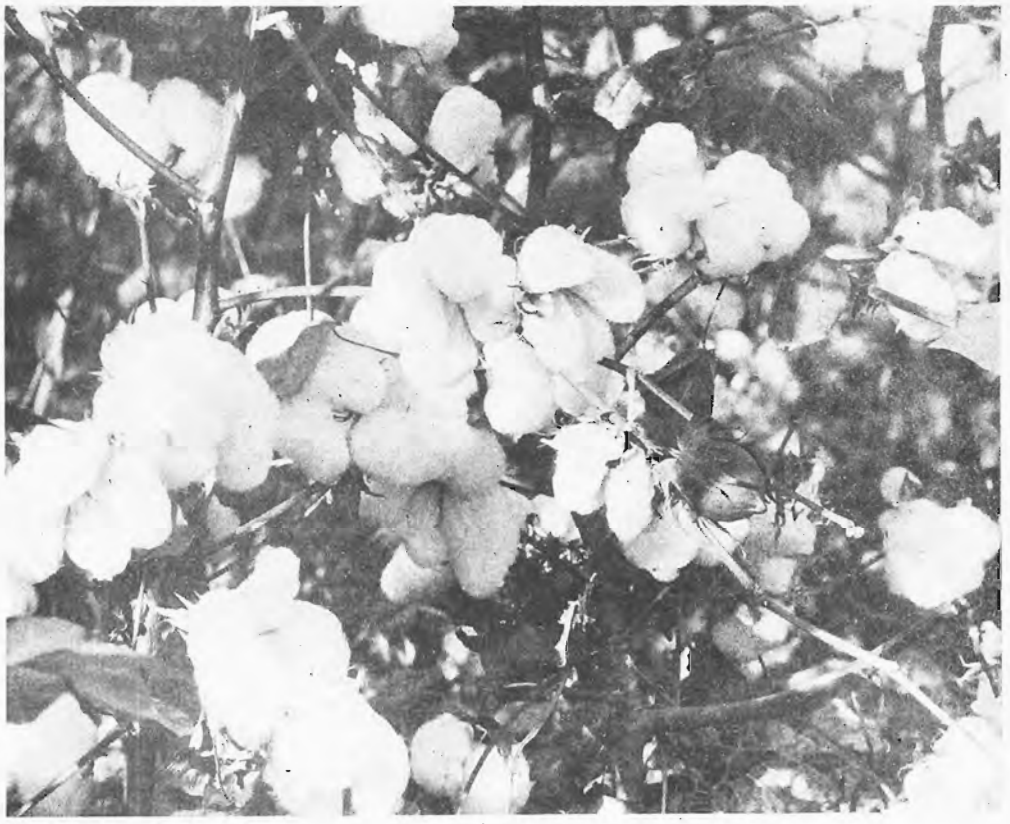
Por outro lado oprimia-se o povo obrigando-o a plantar algodão, com detrimento de outras plantas e cereais para a sua própria alimentação — (há casos de administradores que chegavam a arrasar mandiocais já plantados para aí obrigarem os aldeões a pôr algodão) — e por outro, comprava-se o algodão já colhido a um preço irrisório comparado com as cotações internacionais.

Para atenuar um pouco estas perigosíssimas contradições (para eles colonialistas) começou a partir de 1964 (data coincidente com o início do desencadeamento da luta armada de libertação) a desenhar-se no programa do Governo através do respectivo Instituto de Algodão de Moçambique uma pseudo-ajuda ao camponês, no ponto de vista económico, ao mesmo tempo que — e isto já tem importância significativa—se acabavam com as famigeradas concessionárias — monopólios da compra do algodão por determinadas empresas em vastíssimas e determinadas áreas.

Actualmente esta comercialização faz-se através de concurso público e qualquer empresa pode candidatar-se a comprar algodão de uma determinada área a um preço por quilo fixado pelo Instituto de Algodão de Moçambique.

Isto não quer dizer que muitos intermediários, fugindo à fiscalização, continuem a negociar clandestinamente, e que não haja negociatas entre esses mesmos interme-

SE CONSUMÍSSEMOS O MÍNIMO DE 4 KGS DE VESTURÁRIO POR ANO O QUE ACTUALMENTE SE PRODUZ E SE EXPORTA NÃO CHEGARIA PARA O NOSSO CONSUMO INTERNO



diários — jogando contra as empresas e a favor das fábricas de descaroçamento, ou vice-versa. Claro que o eterno prejudicado é o povo camponês.

Resumindo, queremos dizer que, mesmo com o aparecimento de algumas cooperativas algodoeiras, não é de maneira alguma sensível ao povo agricultor os benefícios que a cultura do algodão poderá trazer.

Aquele que afinal produz o algodão em Moçambique, é o que anda mais mal vestido, mais mal coberto em casa. Ora é isto que todos temos que combater: o baixo preço pago ao produtor.

VESTIR O POVO: FALA UM TÉCNICO

Se no aspecto agrícola temos portanto de começar a aplicar na prática toda a revolução agrária que o Governo do Povo de Moçambique não deixará de encetar, aliado à forte politização das massas camponesas até agora oprimidas e lançadas ao obscurantismo, no aspecto industrial nova política também tem de ser seguida baseado nas realidades concretas de Moçambique no campo algodoeiro.

Queremos ressalvar que quanto à comercialização, ela vai tender a ficar, com certeza, à medida que o cooperativismo agrícola for sendo implantado, dependente das respectivas cooperativas.

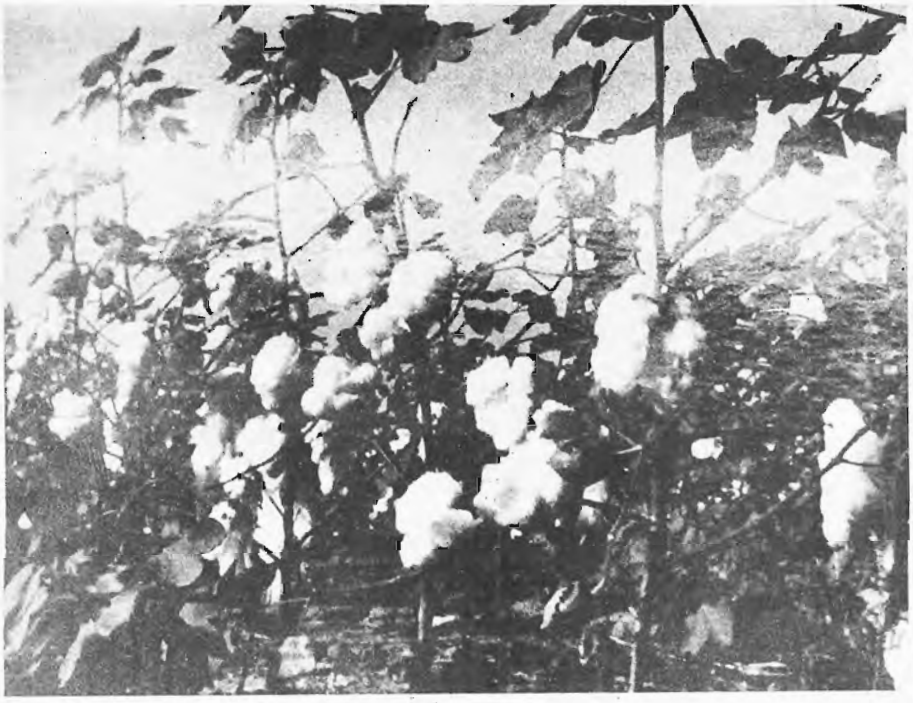
Industrialmente e a propósito destas realidades concretas de Moçambique, ouvimos um técnico-prático industrial, Manuel Laureano, pessoa conhecedora e dedicado ao estudo das realidades agrícolas e industriais moçambicanas, mas que até agora não conseguiu ver os seus projectos concretizados, uma vez que eram todos eles contrários ao anterior Governo colonial-fascista.

— *Fazendo uma breve análise, tenho que o consumo necessário para o abastecimento interno, e atendendo aos 8 500 000 habitantes, de artigos têxteis é na ordem dos 4 quilogramas por pessoa por ano. Ora, assim, apresenta-se a necessidade de industrializar em linha recta, o quantitativo de rama resultante de multiplicação dos tais oito milhões e meio de habitantes por quatro quilos, o que nos dá cerca de 34 mil toneladas.*

Este contingente dar-nos-ia uma produção de tecidos em média na ordem dos 255 milhões de metros de tecidos, considerando que um quilograma de algodão em rama produza industrialmente sete metros de tecidos de vária ordem.

Friso que neste cálculo estão incluídos vários tipos de

EM TODO O TIPO DE PRODUÇÃO TEREMOS DE COMEÇAR A FUNCIONAR PENSANDO NOS 9 MILHÕES QUE SOMOS



tecidos prioritários destinados ao povo todo, a preços acessíveis. É claro que estes valores serão estudados em relação às unidades a instalar nos locais que o Governo indicar.

O valor industrial aproximado de cada metro é na ordem dos 18$40.

MAIS PRODUÇÃO PARA MAIS EMPREGOS E UMA ESTATÍSTICA REVELADORA

Vimos que a necessidade «per capita», por ano, de tecido em Moçambique é de 4 quilos ....no caso de não se pôr a roupa para lavar. Mesmo assim, e para termos uma noção exacta da panorâmica do vestuário e tecidos para o recheio de cada casa que cada moçambicano deveria possuir, esse quantitativo ficaria assim distribuído por pessoa e anualmente:

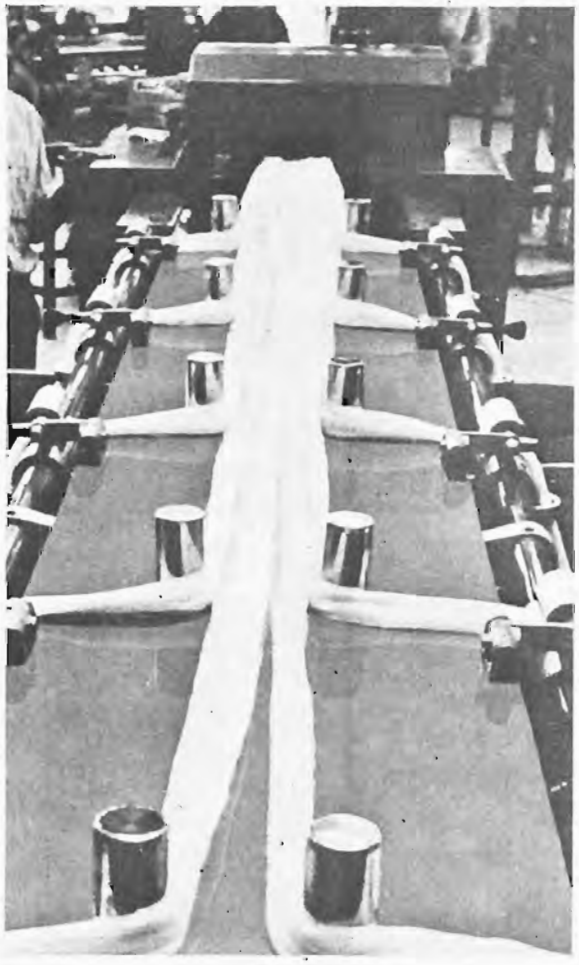
Roupas interiores— 0,5 kg;
Roupas exteriores — 1 kg;
Roupas de cama — 1,5 kg;
Roupa de toucador — 0,5 kg; e
Roupa de mesa — 0,5 kg.

Tudo isto soma portanto os 4 quilos que anteriormente se falou.

Embora sabendo que a nossa actual produção continua dispersa, poderíamos num breve quadro, que a seguir publicamos, fornecido pelo sr. Manuel Laureano, ver o consumo interno de algodão que seria necessário em cada província de Moçambique, consoante os 8 milhões e meio de habitantes e a sua necessidade mínima de 4 quilos de roupa por cabeça e por ano. Escusaremos de colocar os valores em dinheiro desse contingente no qual bastará multiplicar as toneladas por 60$00, valor médio por quilograma de têxtil.

Antes, porém, desejamos acrescentar que os 4 quilos de tecido correspondem a cerca de 40 metros em média de tecido leve — tipo capulana — observando que os tecidos tipo Kaki e outros são muito mais pesados e portanto terão menos metros na sua totalidade.

Províncias	Habitantes	Consumo «per capita»	Consumo provincial por ano	Valor médio p/kgs têxtil
Lourenço Marques	799 000	4 quilos	3 196 toneladas	60$00
Gaza	753 000	»	3 012 »	»
Inhambane	747 000	»	2 988 »	»
Manica e Sofala	1 085 000	»	4 340 »	»
Tete	492 000	»	1 968 »	»
Zambézia	1 824 000	»	7 296 »	»
Moçambique	1 935 000	»	7 740 »	»
Cabo Delgado	568 000	»	2 272 »	»
Niassa	297 000	»	1 188 »	»
TOTAIS	8 500 000		34 000 toneladas	

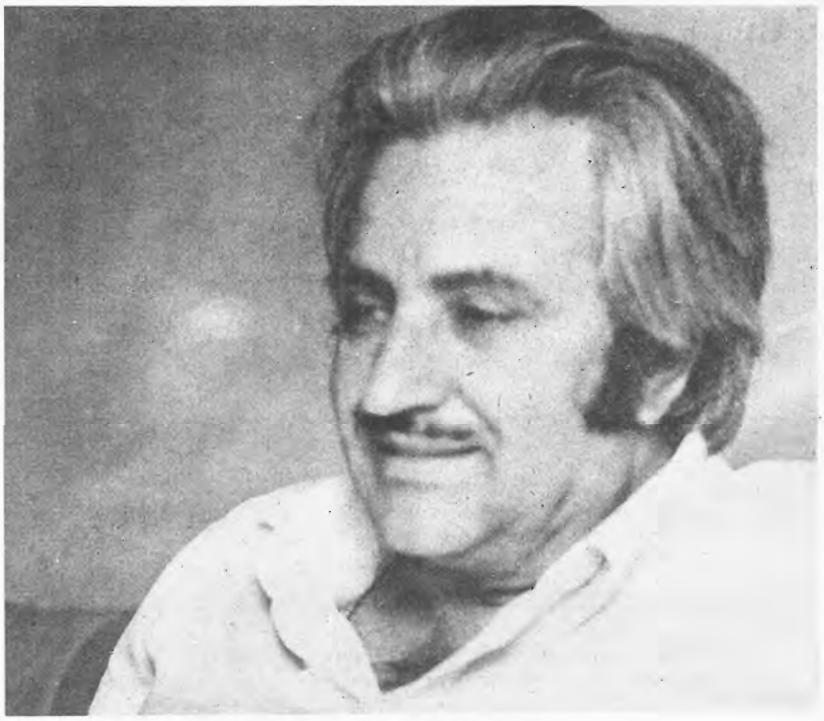


MERCADO EXTERNO E DESPERDÍCIOS

No que respeita especificamente à exportação, e aí ela só terá o seu valor real quando o consumo interno estiver a verificar-se nos moldes que o esquema industrial acima expõe, achamos que para já deve ser destacada e estudada a possibilidade de industrializar o algodão na sua primeira fase.

Industrializar o algodão na sua primeira fase consiste na industrialização de um

EM VEZ DE SE EXPORTAR ALGODÃO EM RAMA DEVÍAMOS TRANSFORMÁ-LO PRIMEIRO EM FIO O QUE PODERIA CRIAR RAPIDAMENTE 15 MIL NOVOS EMPREGOS



As nossas fábricas só aproveitam 1/3 da nossa produção de algodão rama

contingente de algodão rama, transformá-lo em fio, devidamente seleccionado em relação aos padrões de fio que os mercados externos estão interessados. Desse fio serão ao mesmo tempo estudados os contingentes necessários ao mercado interno.

Segundo nos informou o já referido técnico-prático Manuel Laureano, há uma nítida preferência dessa exportação do algodão já em fio, com o qual se poderão obter grandes vantagens que a seguir ele indica:

— *É compensador exportar o algodão em fio em lugar de exportar em rama, uma vez que se podem obter logo benefícios na diferença de preços por quilograma dessas matérias. O quilo do fio é sempre mais caro do que em rama.*

Por outro lado este sistema de industrialização do algodão rama na primeira fase, portanto, fio, iria beneficiar o povo com novos empregos, tão necessários para elevar o nível de vida dos moçambicanos. Por último, sabe-se que o mundo luta com falta de matéria-prima — fio — o que nos diz que esse produto industrializado não ficaria certamente a apodrecer nos nossos armazéns.

A concluir disse-nos ainda aquele técnico:

— *Se o consumo de artigos têxteis em Moçambique for de 4 quilos «per capita», verifica-se a necessidade de se industrializar 34 mil toneladas de algodão rama. Com a industrialização deste contingente, com fábricas distribuídas por várias zonas produtivas de algodão e devidamente instaladas, posso afirmar que se criariam aproximadamente 15 000 novos empregos, o que representa neste sector o bem-estar para cerca de 60 mil habitantes, atendendo a que cada agregado familiar seja composto por quatro indivíduos.*

Mas o algodão, sua produção, comercialização, industrialização e consumo, não se resume a estas breves linhas que acabámos de nos referir.

O problema é realmente de grande complexidade, mas julgamos que com estas achegas e vontade que anima actualmente o povo moçambicano, poderemos resolvê-lo rapidamente e a contento de todos.

Voltaremos ao assunto.